

AUGUSTO SOBRAL

TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



821.134.3

SOB,A

AUGUSTO SOBRAL

TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

BELA-CALÍGULA

IMPROMPTU TEATRAL

(baseado na obra e em dados biográficos de Florbela Espanca)

Bela-Calígula, 8.^a produção do Grupo de Teatro MAIZUM, foi estreada em Julho de 1987 com as seguintes participações:

Encenação — ROGÉRIO VIEIRA.

Cenografia — AUGUSTO SOBRAL.

Figurinos — JASMIM.

Música — RUI LUÍS PEREIRA.

Interpretação — SILVINA PEREIRA e MANUEL CINTRA / FERNANDO
NASCIMENTO.

Grafismo — GUIDA DIAS COELHO.

Aderecista — JOSÉ GIL.

Operador de luz e som — CARLOS SANTOS.

Secretariado — PAULA SILVA.

BELA-CALÍGULA

PERSONAGENS:

ACTRIZ
CALÍGULA
CALÍGULA-APELES

Duas bancadas de camarim, uma à esquerda e outra à direita da cena. As lâmpadas das molduras dos espelhos estão acesas, mas o lugar do espelho é o vazio das molduras, onde o rosto dos actores se vai às vezes mostrar de frente para o público, como se estivessem a encarar a sua própria imagem.

A Actriz entra em cena e dirige-se à mesa da direita, senta-se e finge olhar a sua própria imagem no espelho, olhando em frente para os espectadores. Levanta-se, pega numa pasta com papéis e passeia de um lado para o outro, a rememorar o texto.

ACTRIZ — «Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição...»

Suspende-se, as palavras não lhe ocorrem logo.

«Os olhos... a boca... a fronte... as pálpebras... a cara.»

Suspende-se de novo, sente que o texto não é aquele. Torna a ler na pasta com papéis.

«Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição:»

Continua numa leitura mais atenta marcando pela maneira como lê os pontos onde se enganou.

«Os olhos, a boca... (*prolongando*) o modelado da fronte (*acentuando*), a curva das pálpebras, a linha da face (*repetindo*)... A linha da face.»

Suspende-se e começa a ver peça por peça o guarda-roupa pendurado num varão ao lado da mesa. No varão estão pendurados os vários tipos de traje conhecidos da documentação fotográfica sobre Florbela Espanca; desde o chapéu de feltro, a blusa e a saia da adolescência até aos vestidos de cintura descida e saia curta e às capelines dos anos 20 a 30. Senta-se de novo ao espelho e começa a observar a cara para se caracterizar.

ACTRIZ (*ao espelho, repetindo o texto*) — «Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me feição por feição: os olhos, a boca, o modelado da fronte, a curva das pálpebras, a linha da face... E esta amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável, saberia fazer versos? Ah! Não! Existe outra coisa... Mas o quê? Afinal, para quê pensar? Viver é não saber que se vive.»

A figura de Gaius Julius César Germanicus, Calígula, surge ao fundo, à esquerda, aproximando-se com um movimento silencioso da outra bancada de caracterização, enquanto a actriz continua, simultaneamente, o seu monólogo até ao final, completamente alheia à presença da outra pessoa.

ACTRIZ (*ritmo mais vivo*) — «Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e neurasténicos. Só uma visão de conjunto pode aproximar-se da verdade. Examinar em detalhe é criar novos detalhes. Por debaixo da cor está o desenho firme e só se encontra o que se não procura. Porque não me esqueço eu de viver... para viver?»

Calígula está agora junto da bancada e para se acercar do espelho e ver a sua própria cara, desloca a cadeira para o lado. O ruído do arrastar da cadeira desperta a atenção da Actriz, que desviando a cara do espelho fala para alguém que estivesse noutra camarim ao lado, apenas separado do dela por uma parede fina.

ACTRIZ — Já chegaste?

Calígula não responde. Recorta a sua figura na moldura do espelho como se olhasse também para si próprio. A Actriz continua a falar com a pessoa que está no camarim ao lado, ao mesmo tempo que vai estudando a caracterização.

ACTRIZ — Sabes que estou a sentir uma dificuldade enorme com este primeiro texto? A descrição da cara da Florbela, feição por feição, como ela diz, até aí tudo bem. Engano-me, troco palavras, mas tudo bem. Se calhar engano-me por reacção ao resto que vem a seguir, muito reflexivo, muito carregado de dúvidas. Um texto do diário da Florbela escrito já tão próximo da morte, para começar o espectáculo, acho mal escolhido.

CALÍGULA — «A minha alma é o túmulo profundo onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!»

ACTRIZ — Não tens opinião, não é? Já se sabe que nestas situações é inútil contar com os colegas. E já agora, se queres saber com toda a sinceridade aquilo que eu penso, acho que a culpa de tudo isto é do Calígula... ou de quem o foi buscar. Escolhiam-se os poemas mais significativos de cada facto e da maneira de sentir da Florbela, e tu, em vez de seres o Calígula, eras um narrador... Ias relacionando os poemas com a própria biografia. E o Calígula bem podia ir dar uma volta.

Calígula, num movimento para se afastar da bancada, volta de novo a deslocar a cadeira, arrastando-a.

ACTRIZ — Lá porque não queres responder... escusas de estar sempre a arrastar essa maldita cadeira. Enerva-me!

Calígula avança na cena, vindo colocar-se num plano mais avançado que o das bancadas de camarim, sendo notório que evita tocar em objectos que possam provocar ruídos. Está de frente para o público, ao qual se dirige. A Actriz prossegue o seu jogo ao espelho, como se não ouvisse nada do que ele diz.

CALÍGULA — Eu sou Gaius Julius César Germanicus, mais conhecido por Calígula, como vocês diriam hoje em linguagem corrente... Mas, eu, sou o próprio CALÍGULA. Ah! É verdade, para evitar futuras confusões, aquele arrastar de cadeira que tanto enervou a actriz foi puramente casual, como tiveram ocasião de ver... Serei um fantasma, mas não passo de um fantasma do teatro, que é o mesmo que dizer, uma obsessão